

AOS AMIGOS E INIMIGOS. A TODOS NÓS.

Olívia Mindêlo

Saber que o Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM) passa a ser, de agora em diante, a casa da série “Inimigos”, de Gil Vicente, suscita na gente uma profusão de pensamentos e emoções. A chegada destes dez desenhos a um dos principais espaços de difusão da arte contemporânea no Recife se mostra, no mínimo, oportuna para trazermos à tona diferentes reflexões em solos locais. É ainda emblemática, posto que estes trabalhos do artista recifense completam, em 2015, dez anos de existência, com uma carga histórica de intensos acontecimentos ao longo do seu tempo de vida.

Depois de circular por diferentes Brasis, incluindo uma passagem tumultuada e efusiva pela 29ª Bienal de São Paulo, em 2010, a série “Inimigos” volta a ser exposta, ou melhor, chega para ficar em seu território de origem. Isso foi possível após ser contemplada, em 2014, com o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça, da Funarte, voltado ao fomento da arte e dos acervos museológicos. Uma sorte e um alívio, que aqui está longe de significar sossego. Pelo contrário. O conforto imediato de não termos perdido estas obras para a umidade, os colecionadores particulares ou outras partes do mundo – como aconteceu com “Abapuru”, de Tarsila do Amaral, por exemplo – não nos tira o trabalho e a responsabilidade sobre estes desenhos. Isso não quer dizer somente uma missão de tutela, conservação e manutenção por parte da Prefeitura do Recife, através do Mamam, mas uma ação simbólica, se considerarmos esta uma obra de natureza pública, posta agora em um ambiente igualmente público, nosso, desta cidade.

Os autorretratos de Gil Vicente empunhando armas contra a cabeça de “líderes arquetípicos de uma ordem mundial em crise aguda”, para lembrar as palavras de Daniela Labra¹, não nasceram com sina de subsolo, este destino da poeira, da negação e do esquecimento. Tais quais as litografias da série “Cenas da vida brasileira 1930/1954”, de João Câmara, presentes no mesmo acervo do MAMAM,

¹ LABRA, 2010, p. 3. No texto “Arte fora da ordem”, escrito pela crítica e curadora para o catálogo de “Inimigos”, editado por ocasião da 29ª Bienal de São Paulo, em 2010.

estes trabalhos de Gil nasceram para a arena. Aliás, uma vez sob nossas vistas, impossível esquecê-los. Dos seus espectadores, o artista ativa sentimentos, instintos e memórias, demandando justamente de nós um tipo de cumplicidade ao ser simplesmente certo em sua “desobediência civil unitária”, como ele define. Fosse d’outra maneira, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) não teria gasto tempo e discurso pedindo aos organizadores da Bienal de São Paulo que retirassem aqueles gestos de “estímulo à violência” do Pavilhão Ciccillo Matarazzo. Mas ao invés disso, o trabalho não só se manteve exposto numa parede de destaque, no terceiro andar do prédio, como ganhou ampla visibilidade para além dos muros da exposição paulista; dentro e fora do País. Uma verdadeira “viralização” em meio analógico (só depois em digital) que se espalhou mídia afora, contagiando opiniões tanto quanto a instalação “Bandeira branca” (dos urubus), de Nuno Ramos (SP), exposta na mesma ocasião. Na realidade, “Inimigos” suscitou na audiência uma maior simpatia. Vejamos como.

Cinco anos antes da 29ª Bienal de São Paulo ser realizada, Valquíria Farias já havia nos alertado, no seu texto para a primeira exposição da série, na Galeria Mariana Moura, no Recife, o seguinte: “Trata-se de uma tomada de consciência, que não necessariamente espera ser correspondida, e, ao mesmo tempo, de uma vontade de comunicar, de provocar o público e acender reações ambíguas. Repulsa. Empatia. Indiferença. Ou o que for”². Em 2010, estando plantada na rampa de entrada-saída do edifício da bienal, pude justamente perceber nos visitantes, através de uma pesquisa de mestrado³, o caráter popular de “Inimigos”, com potencial para suscitar diferentes olhares, reações de gosto e também polêmicas. De uma maneira geral, os entrevistados responderam de forma positiva aos desenhos de Gil Vicente, colocando-os entre suas obras favoritas da mostra, ao lado de outros trabalhos como a instalação “A origem do Terceiro Mundo”, de Henrique Oliveira (SP).

No contexto da bienal, essa empatia pode ser resumida em uma palavra: identificação, como se os espectadores se realizassem na vingança ou “solução” arranjada pelo artista. De um universo pesquisado de 100 pessoas (e 850 trabalhos

² FARIAS, 2010, p. 14. No texto “O energúmeno”, escrito pela crítica e curadora para o catálogo de “Inimigos”, editado para a ocasião da 29ª Bienal de São Paulo, em 2010.

³ Projeto realizado pela autora deste texto para a conclusão de curso de mestrado pelo Programa de Pós- Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A pesquisa foi feita a partir do escopo teórico e metodológico da sociologia da arte.

expostos), quase 20 visitantes elegeram espontaneamente “Inimigos” como sua obra preferida da exposição, quando questionados sobre o que mais gostaram de ver na bienal. Já quando perguntados diretamente sobre o que achavam da série, 82,6% dos entrevistados “disseram ter gostado muito ou simplesmente gostado do conjunto de autorretratos do artista ‘ameaçando’ celebridades políticas. O restante se dividiu entre o ‘Gostei mais ou menos’ (7%), o ‘Não gostei’ (4,7%), o ‘Detestei’ (3,5%) e o ‘Indiferente’ (2,3%)”⁴.

Encerrada a fase das entrevistas, parti para observar o público diante dos dez desenhos, feitos em carvão sobre papel, com dimensões realistas de 150 x 200 cm cada. Quem quer que por lá passasse poderia notar, de imediato, que aquele estava longe de ser um trabalho solitário no pavilhão. A todo momento, havia pessoas no local, na maioria das vezes com uma câmera na mão para tirar foto ao lado dos quadros, não raro simulando a cena retratada por Gil.

Muitos apontavam diretamente para as obras e soltavam frases que alternavam entre “legendas” da imagem (“Olha o Lula!”, a mais escutada) e comentários curtos – ora positivos (“Muito legal esse trabalho”; “Muito bem feito”), ora negativos (“Ele só quis chamar atenção e conseguiu”; “Que é uma apologia a violência é”)⁵.

O artista lembra que as pessoas o reconheciam na rua por conta dos autorretratos, puxando geralmente conversa sobre o tema político exposto. Dentro do pavilhão, o público chegou a pedir para que ele reencenasse as posições dos desenhos, posando para as câmeras, mas ele negou. O artista acredita, na verdade, que a OAB deu a ele “um auxílio luxuoso de assessoria de comunicação”. Mas sabemos que esse “apoio” não garantiria, por si só, o burburinho que a série gerou, ou alguém duvida da força imagética destes traços?

DAS INDIGNAÇÕES

Durante a análise da pesquisa, escrevi que “se Gil Vicente saísse candidato, era bem capaz de ganhar muitos eleitores, haja vista o entusiasmo que gerou no público (da

⁴ MINDÉLO, 2011, p. 127. Na dissertação “A arte não exclui. Só inclui: a relação do público com a arte contemporânea na 29ª Bienal de São Paulo”, defendida pela PPGS da UFPE.

⁵ Idem, p. 128.

bienal)”⁶. Ele, contudo, está bem longe de querer ser um representante político, no sentido estrito da palavra, e certamente teria repulsa em assumir um cargo de gestor público. Mesmo assim, existe um evidente e inegável apelo político em “Inimigos”, o que não aponta necessariamente uma esperança para quem quer que os aprecie. Gil revela nos seus trabalhos e nas falas um certo niilismo irremediável, ao ponto de ele sequer acreditar no poder de mudança social da arte, muito menos das lideranças políticas – sejam de partidos, presidências, prefeituras ou religiões. “Não acho que a arte pode mudar o mundo. Só algumas pessoas podem, mas não fazem”, palavras do artista.

Para alguns entrevistados da 29ª Bienal de São Paulo, a execução de figuras unidas pela simbologia de um poder mal exercido significou, naquele contexto, uma crítica mordaz, embalada por um humor ácido. O papa, ex-presidentes do Brasil e da ONU, ex-governadores de Pernambuco e até a rainha da Inglaterra; nenhum deles escapou ao gatilho de Gil Vicente, que há anos não passa defronte a uma urna de votação. Como diz Daniela Labra,

Em “Inimigos”, o artista dá um tiro de advertência para o alto, como um guerrilheiro que se move na possibilidade de fazer terrorismo sem sangue, através da imagem e da poesia. Representando-se na execução de um ato-limite, ele urra contra Estados ignóbeis e acorda para a luta os jovens e adultos anestesiados pelo consumismo e pelo prazer imediato. Assim, os desenhos de Gil Vicente advertem que a arma mais subversiva existente, mesmo com todos os sustos e espetáculos, consumos e tecnologias, é a capacidade de reflexão e de gerar sonhos.⁷

Entre os dez condenados pelo artista em sua série, dois já encerraram seus ofícios na Terra: os políticos Ariel Sharon e Eduardo Campos, ambos falecidos em 2014. O primeiro, político e militar israelita; o segundo, ex-governador de Pernambuco e, à época, candidato à presidência da República do Brasil. Reflexão. O retorno desses desenhos à cena pernambucana soa até como ironia, num momento em que, mesmo sem a presença de Eduardo Campos, seguimos caminhando sob o legado de seu

⁶ Idem, p. 132.

⁷ LABRA, 2010, p. 5. No texto “Arte fora da ordem”, escrito pela crítica e curadora para o catálogo de “Inimigos”, editado por ocasião da 29ª Bienal de São Paulo, em 2010.

poder. Sonho. No caso do MAMAM, a aquisição de “Inimigos”, via Funarte, chega a ser um paradoxo; um lampejo de esperança nesta fase de fragilidades políticas para o setor cultural do município e, portanto, para o próprio museu, que não perdeu sua vocação para pensar sobre si mesmo e os sentidos de sua coleção para esta cidade.